



CURSO ONLINE DE TEOLOGIA

SOCIOLOGIA e PSICOLOGIA DA RELIGIÃO

Métodos de Estudos dos Fenômenos Religiosos. Símbolos Religiosos. O Divino.



INSTITUTO DE TEOLOGIA
LOGOS

INSTITUTO DE TEOLOGIA LOGOS

PREPARANDO CRISTÃOS PARA A DEFESA DA FÉ

CURSOS DE TEOLOGIA 100% Á DISTÂNCIA

DISCIPLINA

SOCIOLOGIA e PSICOLOGIA DA RELIGIÃO

(Organizado pelo Setor Acadêmico do ITL)

BRASIL, MA

Versão 2021

Pesquisa e Organização do Conteúdo:

Instituto de Teologia Logos, EA

Gráficos, Edição e Finalização:

Instituto de Teologia Logos, EEG

DADOS DE CATALOGAÇÃO INTERNA DA PUBLICAÇÃO – DCIP

CÓDIGO DCIP: 001-043-2021-1

CÓDIGO DISCIPLINA: ITLON43

LOGOS, Instituto de Teologia (ORG). **SOCIOLOGIA E PSICOLOGIA DA RELIGIÃO.**

MARANHÃO: PUBLICAÇÕES ITL, 2021. 149 pgs.

Instituto de Teologia Logos – Diretoria de Ensino

Barra do Corda - MA - Brasil - 65950-000

(99) 98433-5387 | institutedeteologialogos@hotmail.com

SUMÁRIO

SOCIOLOGIA DA RELIGIÃO

1 - SOCIOLOGIA DA RELIGIÃO.....	8
1.1. SOBRE A RELIGIÃO	9
1.2. SENSO RELIGIOSO.....	10
1.3. PARADIGMAS	11
1.4. QUAL A IMPORTÂNCIA DAS PRESSUPOSIÇÕES DE UMA SOCIEDADE?	12
1.5. QUAL A DIFERENÇA ENTRE O HOMEM COMUM E O CIENTISTA?	13
1.6. A VERDADE CIENTÍFICA X VERDADE RELIGIOSA	13
1.7. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE OS SISTEMAS DE CRENÇAS DOS INDIVÍDUOS.....	13
1.8. QUAL A IMPORTÂNCIA DA RELIGIÃO PARA A SOCIEDADE?	14
1.9. A PROTEÇÃO CONSTITUCIONAL DA RELIGIÃO	15
1.10. A USURPAÇÃO DA LIBERDADE RELIGIOSA BÁSICA	16
2 - POR UMA ANÁLISE SOCIOLÓGICA: O SIMBOLISMO RELIGIOSO.....	17
2.1. A FINALIDADE DO SIMBOLISMO RELIGIOSO.....	18
2.2. A VIDA RELIGIOSA E O SIMBOLISMO.....	18
3 - O MÉTODO DE INVESTIGAÇÃO DA SOCIOLOGIA	20
3.1. O MÉTODO E OS MÉTODOS	21
3.2. MÉTODO HISTÓRICO.....	21
3.3. MÉTODO COMPARATIVO	21
3.4. MÉTODO MONOGRÁFICO	22
3.5. MÉTODO ESTÁTICO	22
3.6. MÉTODO TIPOLÓGICO.....	22
3.7. MÉTODO FUNCIONALISTA	22
3.8. MÉTODO ESTRUTURALISTA.....	23
4 - A SOCIOLOGIA DA RELIGIÃO EM HUME E DURKHEIM.....	25
4.1. HUME.....	26
4.2. DURKHEIM.....	27
5 - A SOCIOLOGIA DA RELIGIÃO EM MAX WEBER	29
5.1. O QUE WEBER MOSTRA EM RELAÇÃO A RELIGIÃO?.....	30
5.2. A VISÃO RELIGIOSA DE MAX WEBER SEGUNDO BOURDIEU.....	31
5.3. APONTAMENTOS CRÍTICOS.....	37
5.4. A SOCIOLOGIA COMPREENSIVA	38
5.5. RELIGIOSIDADE E RACIONALIDADE ECONÔMICA	38

5.6.	ETHOS CALVINISTA E ESPÍRITO DO CAPITALISMO.....	38
5.7.	AFINIDADE ELETIVA	39
5.8.	RELIGIÕES ORIENTAIS.....	39
6 -	O CRISTÃO EM UMA SOCIEDADE NÃO-CRISTÃ.....	42
7 -	A LEI MOSAICA E OS PROFETAS	46
7.1.	OS PROFETAS	47
8 -	JESUS E OS APÓSTOLOS.....	53
8.1.	JESUS.....	53
8.2.	OS APÓSTOLOS.....	54
9 -	RELIGIÃO NO BRASIL	56
9.1.	CATOLICISMO	56
9.2.	PROTESTANTISMO	57
9.3.	NÃO-RELIGIOSOS	58
9.4.	ESPIRITISMO.....	58
9.5.	RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS	59
9.6.	RELIGIÃO BRASILEIRA	60
9.7.	NEOPAGANISMO	60
9.8.	XAMANISMO	60
9.9.	A RELIGIOSIDADE ATUAL.....	60
10 -	SOCIÓLOGOS CONCEITUANDO RELIGIÃO	65
10.1.	ROUSSEAU	72
10.2.	DURKHEIM.....	74
10.3.	KARL MARX	78
10.4.	MARX, SOCIÓLOGO DA RELIGIÃO?.....	79

APRESENTAÇÃO

Seja bem-vindo(a), caro(a) aluno(a)!

Parabéns pela sua decisão de transformação, pois isso também mostra o quanto você está comprometido em contribuir com a transformação da igreja e da sociedade onde você está inserido.

O Instituto de Teologia Logos estará acompanhando você durante todo este processo, pois “os homens se educam juntos, na transformação do mundo”.

Os materiais produzidos oferecem linguagem simples, completa e de rápida assimilação, contribuindo para o seu desenvolvimento bíblico, teológico e ministerial, para desenvolver competências e habilidades e aplicar os conceitos, fundamentos e prática na sua área ministerial, possibilitando você atuar em favor do Reino de Deus com mais excelência. Nosso objetivo com este material é levar você a aprofundar-se no conteúdo, possibilitar o desenvolvimento da sua autonomia em busca de outros conhecimentos necessários para a sua formação bíblica, teológica e ministerial.

Portanto, nossa distância nesse processo de crescimento e construção do conhecimento deve ser apenas geográfica. Utilize todos os materiais didáticos e recursos pedagógicos que disponibilizamos para você. Acesse regularmente a Área do Aluno, participe no grupo online com o tutor online que se encontra disponível para sanar suas dúvidas e auxiliá-lo(a) em seu processo de aprendizagem, possibilitando-lhe trilhar com tranquilidade e segurança sua trajetória acadêmica.



**AULA
01**

1 - SOCIOLOGIA DA RELIGIÃO

Sociologia da religião busca explicar as relações mútuas entre religião e sociedade.

Os estudos fundamentam-se na dimensão social da religião (a religião é uma instituição social) e na dimensão religiosa da sociedade (os indivíduos que compõem a sociedade são seres religiosos e praticam rituais revestidos de sacralidade).

WACH diz que a sociologia da religião estuda a inter-relação da religião com a sociedade, e as formas de interação que ocorrem de uma com a outra, e dá como básica para a sociologia da religião a hipótese de que “os impulsos, as idéias e as instituições religiosas influenciam as formas sociais e, por sua vez, são por elas influenciados, além de receberem o influxo da organização social e da estratificação.

Já NOTTINGHAM, entende que “o sociólogo da religião ocupa-se dela “como um aspecto do comportamento de grupo e estuda os papéis que a religião tem desempenhado através dos tempos.”

São campos de pesquisa da sociologia da religião:

- Influências gerais do grupo sobre a religião;
- Funções dos rituais nas sociedades;
- Tipologias de organizações religiosas e de respostas religiosas ao mundo ou a ordem social;
- Influências diretas ou indiretas dos sistemas ideais religiosos na sociedade e seus componentes ou elementos (como classes, grupos de nacionalidades, grupos étnicos) e da sociedade nos sistemas ideais;
- Análise específica de números de seitas religiosas e movimentos tais como mormonismo e testemunhas de Jeová;
- Interação de entidades religiosas significativas em âmbito local ou de comunidade;
- Avaliações conscientes ocasionais, feitas por porta-vozes para grupos religiosos mais importantes, das circunstâncias sociais nas quais os grupos se encontram.

Esta relação está incompleta e seus itens aparecem por isso menos especificamente sugeridos do que poderiam ser, mas o caráter geral dos interesses da sociologia da religião aparece, assim, razoavelmente bem indicados.

Considerando que religião diz respeito a todos os homens, devemos, antes de mais nada, proceder a um auto-exame.

Para além das polémicas a respeito do lugar que cada saber ocupa no campo académico dedicado à religião (Camurça, 2008), parece não haver dúvidas de que as ciências sociais (antropologia, sociologia e ciência política) tenham muito a contribuir para a área. Prova disso é que a Sociologia da Religião é uma disciplina muito presente nos currículos de Ciência(s) da(s) Religião(ões). Pretende-se com este texto oferecer um recurso didático corpo discente que se inicia nesta área, não só das graduações, como também da pós, já que boa parte de ingressantes em especializações e mestrados advém de cursos variados (Artes, Teologia, Música, Letras, entre outros) nos quais talvez não tenham tido maior contato com a literatura sociológica.

Se por um lado a Sociologia é um importante recurso para o conhecimento dos “fatos religiosos”, também não se pode esquecer que religião, como fenômeno social, interessa muito à teoria social. Na síntese de Costa (2009), “fazer sociologia de uma sociedade implica, mais tarde ou mais cedo, fazer sociologia da religião”. Na de Maduro (1981), “a sociologia já nasceu como sociologia das religiões”. Este último, disse isso a respeito do contexto em que emergiram as primeiras abordagens sociológicas, quando entre os importantes processos que transformavam a sociedade europeia no século XIX, constatava-se uma profunda crise do cristianismo. Como o pensamento sociológico já surgiu em uma conjuntura em que o próprio conhecimento se emancipava da tutela da religião, por vezes se viu desafiado não só a analisar religiões como fatos sociais, mas também a pensar como os processos sociais mais amplos condicionam o religioso ou podem ser influenciados por ele.

É diante desse quadro que surgiram as primeiras abordagens sociológicas, de modo que aqueles que realizaram os primeiros trabalhos de sociologia tiveram que se pronunciar de alguma forma sobre religião. Alguns, mais do que dizer algo, realizaram análises aprofundadas dos fenômenos religiosos como fenômenos sociais. Por isso o prisma sociológico tornou-se muito importante para o conhecimento da religião.

1.1. Sobre a Religião

Ao longo de milhares de anos, a religião tem evidenciado um importante papel na vivência dos seres humanos. Apesar da universalidade que caracteriza o fenômeno religioso, de uma forma ou outra, a religião marca presença em todas as sociedades humanas, influenciando a forma como vemos e reagimos ao meio que nos rodeia.

Não existe uma definição de religião genericamente aceita, a sua concepção varia naturalmente de sociedade para sociedade, cultura para cultura.

Não obstante a isto, pode-se enumerar algumas das principais características “comuns” ou “partilhadas” entre todas as religiões:

- Tradicionalmente, as diferentes religiões evidenciam um sistema de crenças no sobrenatural, envolvendo majoritariamente Deuses ou divindades.
- Implicam igualmente um conjunto de símbolos; sentimentos e práticas religiosas.
- Paralelamente, a religião apresenta-se como um fenômeno social e não apenas individual. O referido atributo de fenômeno social atribuído à religião perpetua-se através das cerimônias habituais, que decorrem predominantemente em locais de culto indicados para tal: igrejas, templos ou santuários.
- Resumidamente, apresentam-se os principais indicadores comuns às várias religiões, que contribuem para uma melhor compreensão do fenômeno religioso:
 - A tendência para a sacralização de determinados locais;
 - A forte interação com o divino;
 - A exposição de grandes narrativas que explicam, legitimam e fundamentam o começo do mundo e sua existência.

1.2. Senso Religioso

O homem tem como dado emergente em seu comportamento – o que, como tendência, atinge toda a sua atividade – a interrogação sobre tudo o que realiza: “Que sentido tem tudo?”

Como escreve o teólogo italiano Luigi Giussani: “O fator religioso representa a natureza do nosso eu enquanto se exprime em certas perguntas: “Qual é o significado último da existência? Por que existem a dor, a morte? Por que, no fundo, vale a pena viver?” Ou, a partir de outro ponto de vista: “De que e para que é feita a realidade?”.

O senso religioso coloca-se dentro da realidade do nosso “eu” ao nível dessas perguntas: coincide com aquele compromisso radical do nosso eu com a vida, que se mostra nessas perguntas”.

O senso religioso surge em nossa consciência através de perguntas nascidas no encontro com a filosofia, a arte e toda a realidade circundante. Ele proporciona ao homem uma abertura na busca de uma resposta totalizante.

Dessa forma, segundo Giussani, é que o senso religioso define o ‘eu’: “o lugar da natureza onde é afirmado o significado do todo”.

O senso religioso é, pois, o ímpeto que move o homem rumo à busca da exigência primordial da razão humana: a do significado.

1.3. Paradigmas

Paradigma (do grego Parádeigma) literalmente modelo, é a representação de um padrão a ser seguido.

É um pressuposto filosófico, matriz, ou seja, uma teoria, um conhecimento que origina o estudo de um campo científico; uma realização científica com métodos e valores que são concebidos como modelo; uma referência inicial como base de modelo para estudos e pesquisas.

A palavra paradigma é geralmente utilizada no contexto de mudança de paradigmas, ou seja, a mudança de um conjunto de idéias básicas generalizadas e compartilhadas sobre a maneira de funcionar do mundo para novas possibilidades de entendimento do real, mudando-se ou ampliando-se o entendimento convencional do real. Esta palavra foi popularizada pelo físico Thomas Kuhn em seu livro *A Estrutura das Revoluções Científicas*, publicado em 1962.

Os paradigmas funcionam como uma lente colorida através da qual ela enxerga o mundo.

Para evitar que existam tantas lentes ou percepções diferentes de uma mesma realidade quanto é o número de pessoas existentes sobre a terra é que existem os paradigmas, que são lentes padronizadas através das quais se olha para uma mesma realidade.

Paradigmas são os filtros de percepção que criam a nossa realidade subjetiva. Apenas poderemos ver (entenda-se “perceber”) o mundo de outra forma se modificarmos nossos paradigmas.

Conjuntos de crenças ou verdades relacionadas entre si são chamados de paradigmas. Podemos falar do paradigma espiritual, por exemplo. Vírus e bactérias como causas de doenças é outro paradigma, distinto da medicina psicossomática. A medicina oriental há milênios tem em seu paradigma uma energia vital, chamada de prana ou chi (entre outros nomes), que não está presente no paradigma ocidental, exceto em medicinas e terapias alternativas.

Paradigmas e crenças podem subsistir por séculos. O Sol girou em torno da Terra por 1.400 anos. A Física até o início do século tinha as leis de Newton como um de seus principais paradigmas. Com a Teoria da Relatividade, esse passou a ser um caso especial de outro paradigma. E continua mudando; no livro *Universo Elegante*, Brian Greene diz por exemplo que “A sugestão de que o nosso universo poderia ter mais de três dimensões pode parecer supérflua, bizarra ou mística. Na realidade, contudo, ela é concreta, e perfeitamente plausível”.

Crenças e verdades dificilmente subsistem por si só; normalmente elas estão agrupadas, sustentando umas às outras. Por exemplo, acreditar em Jesus Cristo está vinculado a acreditar em coisas espirituais, podendo estar associado também à crença na existência do diabo e de outros mundos ou dimensões. Acreditar no diabo envolve também acreditar que nossas escolhas podem ser influenciadas por fatores externos e ocultos.

Mudar um paradigma pode ser difícil, já que em geral está enraizado nas profundezas do inconsciente e por vezes não sujeito a questionamento ou atualização por feedback. Mesmo no meio científico isto ocorre: o próprio Einstein, que revolucionou os paradigmas da Física, teve dificuldades em aceitar a revolução seguinte, a da Mecânica Quântica. Max Planck (citado por Stanislav Grof no livro *Além do Cérebro*) disse que “uma nova verdade científica triunfa não porque convença seus oponentes fazendo-os ver a luz, mas porque eles eventualmente morrem, e uma nova geração cresce familiarizando-se com ela”.

Robert Dilts, no livro *Crenças*, conta que curou o câncer de sua mãe trabalhando durante quatro dias mudando crenças limitantes e resolvendo conflitos.

Lewis Munford observa que “Cada transformação do homem... apóia-se numa nova base ideológica e metafísica (= visão de mundo); ou melhor, sobre as comoções e intuições mais profundas, cuja expressão racionalizada assume a forma de uma teoria ou visão de cosmos, homem e natureza” (cit. in Harman, 1989).

1.4. Qual a Importância das Pressuposições de Uma Sociedade?

Cada sociedade existente ou que já existiu tinha por base - o que lhe dá ou davam suas características próprias - alguns pressupostos comuns, compartilhados a toda a sua população, ou à uma parcela significativa dela, na forma de um conjunto de premissas básicas que dão identidade à uma forma de ser no mundo.

Estas pressuposições básicas são formadoras do pensamento coletivo e constituem um conjunto de referenciais teóricos (ainda que tacitamente vigentes) e que estabelecem em linhas gerais quem somos, em que tipo de universo estamos, e o que é importante ou não para nós (ou que pensamos ser para nós).

Muitas destas pressuposições são visíveis na constituição de instituições e costumes culturais (por exemplo, na divisão tripartite dos poderes no Estado moderno, elaboração e criação feitas pelo Iluminismo), padrões de pensamento e sistemas de valores vigentes na sociedade, e são tão aceitas, como lugar comum, que são ensinadas de modo indireto pelo contexto social em que se vive, ou/e tão assimiladas e introjetadas que passam a ser encaradas (caso se pensam nelas), como o óbvio (por exemplo, a competitividade das pessoas refletindo a das empresas que, por sua vez, refletem a “natural” competitividade

animal - que realmente tem bem pouco da feroz competitividade refletida do homem, etc) e dificilmente são questionados.

1.5. Qual a Diferença Entre o Homem Comum e o Cientista?

A diferença entre o homem comum e o cientista está em que este último geralmente adota - e isto é ainda mais real na ciência moderna - um conjunto de pressupostos que o fazem explicar os fenômenos de uma maneira apropriada a certos critérios aceitos como sendo científicos, critérios estes que em muitas ciências apresentam um aspecto reducionista, ou seja, explicado a partir da redução de fenômenos complexos a certos elementos ou acontecimentos elementares. É o cientificismo.

A sociologia, e seu método cartesiano, já obteve no meio científico o amplo reconhecimento da academia como de extrema eficácia para se atingir uma “verdadeira” compreensão da natureza, e, portanto, é considerada por muitos cientistas como apta a substituir as cristalizadas religiões dogmáticas na explicação da origem e funcionamento do mundo.

1.6. A Verdade Científica x Verdade Religiosa

A possibilidade de descobrir todas as leis naturais do mundo, seguindo o exemplo bem sucedido as leis do movimento de Newton, por meio de procedimentos de experimentação, dedução e indução, por terem sido bem sucedidos na biologia e na medicina (embora em parte), havia estimulado uma euforia racionalista e acabando por adquirir “parte da sacralidade que antes pertencia às explicações religiosas: a de descobrir e apontar aos homens o caminho em direção à verdade.

A ciência já não parecia uma forma particular e especializada de saber, mas a única capaz de explicar a vida, abolir e suplantando as crenças religiosas e até mesmo as discussões éticas. Supunha-se que, utilizando-se adequadamente os métodos de investigação, a verdade se descortinaria diante dos cientistas - os novos 'magos' da civilização -, quaisquer que fossem suas opiniões pessoais, seus valores éticos sobre o bem e o mal, o certo e o errado” (CRISTINA COSTA, Sociologia, p. 41 Ed. Moderna, 1999).

1.7. Algumas Considerações Sobre os Sistemas de Crenças dos Indivíduos

“O sistema total de crenças de uma pessoa consiste num conjunto de crenças e expectativas - expressas ou não, implícitas e explícitas, conscientes e inconscientes - que ela aceita como verdadeiras com relação ao mundo em que vive.”

Esse sistema de crenças não precisa ter consistência lógica; na verdade, provavelmente nunca a tenha. Pode ser dividido em compartimentos contendo crenças logicamente contraditórias e não contraditórias. Inconscientemente, a pessoa rechaça os sinais que possam revelar tal contradição interior. Observem que essa decisão de não se tornar conscientemente cômico de algo é inconsciente. Nós optamos, como também acreditamos inconscientemente (...) A forma como percebemos a realidade é fortemente influenciada por crenças, adquiridas do meio, de forma inconsciente. Os fenômenos de recusa e de resistência na psicoterapia ilustram a intensidade com que tendemos a não ver coisas que ameaçam imagens profundamente enraizadas, conflitantes com crenças bastante conservadoras. Pesquisas demonstram reiteradamente que nossas percepções e “verificações” da realidade são influenciadas muito mais do que geralmente se acredita, por crenças, atitudes e outros processos mentais, sem o que, grande parte desses processos é inconsciente. “Essa influência de crenças sobre a percepção se intensifica quando um grande número de pessoas acredita na mesma coisa. Os antropólogos culturais documentaram em detalhe de que modo pessoas que crescem em culturas diferentes percebem com clareza realidades diferentes” (Willis Harman, 1994).

Os Grandes Paradigmas na história da humanidade: Misticismo (mitologia), Animismo, politeísmo, democracia, monoteísmo, feudalismo, Estadismo, capitalismo, socialismo, modernidade, iluminismo.

Os Grandes Paradigmas na história do cristianismo: monoteísmo, dogmatismo, trindade, catolicismo, sacerdócio universal, missionarismo, biblicismo, empirismo, pentecostalismo, neo-pentecostalismo.

1.8. Qual a Importância da Religião Para a Sociedade?

“[Nós] não temos um governo munido do poder de competir com as paixões humanas desencadeadas pela moralidade e pela religião.” — John Adams

A crença e a formação religiosa permanecem até hoje na alma da filosofia moral da sociedade. A religião não só ensina a virtude, como catalisa a ação moral. Como tal, a religião desempenha um papel essencial na sociedade que lhe garante uma consideração especial. Este papel foi perfeitamente descrito por um economista chinês que estudava a democracia na América. “No vosso passado”, explicou o economista, “a maioria dos americanos frequentavam uma igreja ou uma sinagoga semanalmente. Lá, na vossa tenra idade, aprenderam que deviam obedecer à lei de livre vontade; que deviam respeitar a propriedade dos outros e não roubar. Foram ensinados que nunca deviam mentir e que deviam respeitar a vida e a liberdade dos outros na medida em que respeitavam a vossa. Os Americanos seguiam estas regras porque acreditavam que mesmo que a polícia não os

apanhasse por desobedecerem à lei, Deus os castigaria. A democracia funciona porque a maioria das pessoas, na maioria das vezes, obedeciam às leis de livre vontade”.

Estas observações qualitativas são corroboradas por pesquisas quantitativas. Muitos estudiosos reuniram evidências empíricas que demonstram a forte correlação entre a prática religiosa contemporânea na América e o comportamento virtuoso. A título de exemplo, os cidadãos mais religiosos tendem a ser vizinhos mais generosos e com mais espírito cívico. Segundo as estimativas, mais de 90 por cento das pessoas que frequentam as suas igrejas semanalmente contribuem com doações para a caridade, e cerca de 70 por cento delas se voluntariam para causas de índole caritativa.

Alguns aclamam estas boas obras, mas tendem a desvalorizar as crenças e as práticas que as motivam. Estes esforços são infelizes. Determinadas crenças e práticas religiosas são fundamentais para as ações morais que desencadeiam. Existem diversos exemplos de crenças religiosas que inspiram comunidades a atos profundos de caridade e serviço altruísta. Estas contribuições positivas salientam a necessidade de preservar o direito humano fundamental da liberdade religiosa.

Na verdade, preservar a liberdade religiosa também traz os seus benefícios. Aliada a outras liberdades, a liberdade religiosa impulsiona o progresso socioeconómico da sociedade e reduz os conflitos mais violentos. Consequentemente, as sociedades são mais propensas a florescer quando os cidadãos têm esta liberdade de expressar as suas crenças mais profundas e os seus ideais mais elevados. Em suma, a religião e a liberdade religiosa contribuem para uma sociedade mais pacífica, estável e caridosa.

1.9. A Proteção Constitucional da Religião

Para que estes efeitos surjam, a proteção da liberdade religiosa deve estender-se para além da liberdade de adoração. A liberdade religiosa deve incluir a proteção da expressão pública de carácter religioso ou moral. As pessoas e as instituições religiosas continuam a desempenhar um papel importante moldando as questões morais e sociais por meio das vias democráticas apropriadas. Como acontece com outras organizações e causas dignas, as pessoas e as instituições religiosas merecem ser ouvidas na esfera pública – tanto as vozes religiosas como as seculares devem ser ouvidas.

É claro que, a aceitação da liberdade religiosa não pode ser feita em prejuízo de outros interesses da sociedade. A cláusula do exercício livre presente na Constituição dos Estados Unidos protege inequivocamente a religião nos Estados Unidos, mas o extremismo religioso que ameaça outros não é protegido. O governo pode impor (e faz) restrições razoáveis para garantir a segurança numa sociedade pluralista. No entanto, o processo legal e legislativo fornece um meio que permite, continuamente, proteger, moldar e definir

SUMÁRIO

PSICOLOGIA DA RELIGIÃO

1 - O QUE É A PSICOLOGIA DA RELIGIÃO?	86
1.1. A PSICOLOGIA DA RELIGIÃO.....	87
2 - TEORIAS CLÁSSICAS DA PSICOLOGIA DA RELIGIÃO	94
2.1. PSICOLOGIA COMPORTAMENTAL-COGNITIVISTA E RELIGIÃO	96
2.2. TEORIAS DA PSICOLOGIA PROFUNDA OU PSICODINÂMICA E RELIGIÃO	97
2.3. TEORIAS DA PSICOLOGIA HUMANISTA E RELIGIÃO	98
2.4. PSICOLOGIA NARRATIVA	101
2.5. A TEORIA DA ATRIBUIÇÃO.....	101
2.6. A TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS	102
2.7. RELIGIÃO COMO APEGO	102
2.8. PSICOLOGIA CULTURAL DA RELIGIÃO.....	103
2.9. PSICOLOGIA EVOLUCIONÁRIA.....	104
2.10. PERSPECTIVAS CONTEMPORÂNEAS DA PSICANÁLISE	104
3 - PSICOLOGIA, RELIGIÃO E CRISTIANISMO	106
3.1. PSICOLOGIA E RELIGIÃO – UMA BUSCA DA COMPREENSÃO DO DIVINO	107
4 - A SIMBOLOGIA RELIGIOSA	120
4.1. DIFERENCIANDO SIGNO, SINAL E SÍMBOLO	120
4.2. PORQUE ESTUDAR OS SÍMBOLOS RELIGIOSOS.....	121
4.3. A SIMBOLOGIA RELIGIOSA NO CONTEXTO PSICOLÓGICO	123
4.4. A SIMBOLOGIA RELIGIOSA NO CONTEXTO HISTÓRICO E ANTROPOLÓGICO.....	125
4.5. PORQUE A RELIGIÃO UTILIZA OS SÍMBOLOS?.....	128
4.6. SÍMBOLOS E CULTURA	130
5 - AQUISIÇÃO DO CONHECIMENTO RELIGIOSO	133
5.1. VIVÊNCIA DA REVELAÇÃO.....	133
6 - A VISÃO DA PSICOLOGIA SOBRE A CURA NA RELIGIÃO	141
6.1. OS ASPECTOS PSICOLÓGICOS DA DOENÇA E DA CURA NA RELIGIÃO	143
6.2. A DISCUSSÃO PSICOLÓGICA DA CURA PELO ENFRENTAMENTO RELIGIOSO	144
7 - CONCLUSÃO	149



**AULA
01**

1 - O QUE É A PSICOLOGIA DA RELIGIÃO?

A Psicologia, como área da ciência vem se desenvolvendo na história desde 1875, quando Wilhelm Wundt (1832-1926) criou o primeiro Laboratório de Experimentos em Psicofisiologia, em Leipzig, na Alemanha. Esse marco histórico significou o desligamento das idéias psicológicas de idéias abstratas e espirituais que defendiam a existência de uma alma nos homens, a qual seria a sede da vida psíquica. A partir daí, a história da Psicologia é de fortalecimento de seu vínculo com os princípios e métodos científicos. A idéia de um homem autônomo, capaz de se responsabilizar pelo seu próprio desenvolvimento e pela sua vida, também vai se fortalecendo a partir desse momento.

Dentre os que investigaram a religiosidade de um ponto de vista psicológico também estão outros dos grandes nomes da Psicologia, como William James (1842-1910), Sigmund Freud (1856-1939), Carl Jung (1875-1961), Théodore Flournoy (1854-1920), Stanley Hall (1844-1924), James Leuba (1868-1946) e Edwin Starbuck (1866-1947). Todos esses autores contribuíram para que a religiosidade fosse elevada à condição de um importante objeto de estudo da Psicologia, não somente ao aplicarem o conhecimento psicológico disponível em sua época para explicar tais manifestações humanas, como também ao recorrerem a tais fenômenos para construir suas teorias e concepções acerca da mente e do comportamento humanos. Muitos outros depois deles também contribuíram de modo relevante para a continuidade desses estudos, a exemplo de autores como Abraham Maslow (1908-1970), Gordon Allport (1897-1967) e Viktor Frankl (1905-1997).

Hoje, a Psicologia ainda não consegue explicar muitas coisas sobre o homem, pois é uma área da Ciência relativamente nova (com pouco mais de cem anos). Além disso, sabe-se que a Ciência não esgotará o que há para se conhecer, pois a realidade está em permanente movimento e novas perguntas surgem a cada dia, o homem está em movimento e em transformação contínua, colocando também novas perguntas para a Psicologia.

A psicologia da religião é um tema bastante abrangente e complexo, pois trata de questões relacionadas ao que há de mais íntimo no ser humano, sua vida psíquica e sua fé ou religiosidade. São questões muitas vezes difíceis de serem comprovadas cientificamente, a não ser pela observação de seus efeitos revelados no comportamento das pessoas. A psicologia da religião se interessa pelo estudo das funções psíquicas que intervêm na vida psíquica religiosa, como o sentimento, o desejo, à vontade, o pensamento e a representação mental ou imagem, e também pelos modos unitários de funcionamento das vivências religiosas e a atitude diante do sagrado, tal como aparecem em múltiplas formas da atividade religiosa.

A psicologia da religião é uma ciência relativamente jovem. O seu tema central é a vivência religiosa, suas causas e seus efeitos. Trata-se de um estudo fenomenológico, levando em consideração as diversas manifestações de religiosidade. Utiliza-se de exemplos bíblicos para explicar diversas situações, pois existem profundas observações sobre a vida religiosa interior no Livro Sagrado; temas de psicologia religiosa podem ser dali extraído. Entretanto, apenas recentemente a investigação da vida interior religiosa tem sido feita de forma metódica, baseando-se na observação empírica.

1.1. A Psicologia da Religião

A Psicologia é a ciência que estuda o comportamento humano e, já que as práticas religiosas são comportamentos humanos, devem ser também tomadas como objeto da Psicologia. Assim, é mais apropriado dizer que a Psicologia da Religião não se interessa pela religião, na verdade, mas pela vivência da pessoa religiosa. “Comportamento religioso” pode ser entendido como “qualquer ato ou atitude, individual ou coletiva, pública ou privada, que tenha específica referência ao divino ou sobrenatural”. Aliás, como sucessora da Filosofia, à Psicologia supunha-se reservada a tarefa de conquistar campos cada vez mais complexos, culminando no campo a religião. No entanto, “como as formas religiosas são históricas, a psicologia só se aplicará com competência a uma modalidade religiosa se apreender seu sentido”, para o que precisa estar atenta à cultura e ao que têm a dizer outras disciplinas. De fato, “a psicologia tem buscado interagir com disciplinas biológicas, como a fisiologia e a psiconeuroimunologia, e com disciplinas sociais, como a antropologia”.

As Ciências das Religiões (ou Ciências da Religião, ou ainda Ciência da Religião) valorizam a interdisciplinaridade para compreender o fenômeno religioso. No entanto, pelo menos no Brasil, suas pesquisas são, em sua maior quantidade, direcionadas pelas Ciências Sociais da Religião, pela História das Religiões, pela Teologia... Ainda são pouco conhecidos os trabalhos dirigidos pela Psicologia da Religião, ainda que esta seja apontada em alguns manuais e introduções à área como um dos principais ramos das Ciências da Religião. Sendo a interdisciplinaridade considerada uma postura constituinte mesmo das Ciências das Religiões, a Psicologia da Religião não interessará exclusivamente a psicólogos.

Jacob Belzen chega a elogiar a situação da disciplina: “Nunca antes houve tantas publicações e tantos encontros e conferências sobre religião, tal o interesse dentro e fora da Academia sobre o que a Psicologia tem a dizer a respeito da religião e da espiritualidade”, sendo que, todavia, não vemos mesma situação entusiasta no cenário das Ciências das Religiões no Brasil. Observa Edênio Valle, sobre o cenário brasileiro, que “os alunos, os professores e os profissionais sentem, todos, a falta de textos de psicologia que

possam oferecer uma primeira visão global do assunto”, de modo que lamentam “a ausência de livros de referência ao cada vez mais complexo campo de estudos psicológicos sobre a religião”. Diferente de outros países, nas livrarias brasileiras “os livros de psicologia científica são raros, ou, para ser mais exato, inexistentes”, ao passo que os livros de “ajuda psico-religiosa” são abundantes.

A tradução de obras significativas é uma das tarefas que a Psicologia da Religião no Brasil ainda deve realizar. Observa também o mesmo Edênio Valle que, ainda que cresça “a cada ano o número de livros, teses e monografias científicas sobre a Psicologia da Religião [...] não se pode esquecer de que existe, ao mesmo tempo, uma copiosa bibliografia de má qualidade [...] [que pode] induzir em imprecisões e erros do que seja nossa disciplina”. No entanto, ele identifica razões de otimismo, sendo a principal delas os Seminários “Psicologia e Senso Religioso”, que ocorrem desde 1997, a cada dois anos, organizados pelo grupo de trabalho “Religião e Psicologia” da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação e Pesquisa em Psicologia – ANPPEP.

Marco iniciador da Psicologia da Religião no Brasil é um artigo de Benkö, do ano de 1956, Um ensaio de exame psicológico de seminaristas, publicado na Revista de Psicologia Normal e Patológica, n. 2. Um levantamento dos primeiros cinquenta anos da disciplina no Brasil mostra que desde a primeira publicação teve sempre um número ascendente (com exceção da década de 70, e principalmente na década de 90 e no primeiro quinquênio dos anos 2000) de trabalhos da disciplina, com multiplicidade de temas, embora com predominância de temática conceitual, com “o emprego progressivamente mais disciplinado das teorias psicológicas” e “crescente rigor metodológico das pesquisas publicadas”. Os primeiros livros publicados no Brasil por autores brasileiros foram de Benkö, em 1981, e de Merval Rosa, em 1969. Em 1964, a Associação de Seminários Teológicos Evangélicos (ASTE) já havia publicado “Psicologia da Religião”, do estadunidense Paul E. Johnson. Os autores destes primeiros livros estavam todos eles ligados à confessionalidade cristã: Benkö era sacerdote católico e Merval Rosa, pastor batista.

O surgimento da Psicologia da Religião no Brasil teve influência europeia. Na década de 50, em São Paulo, o médico italiano Enzo Azzi, PUC-SP, confiou, na mesma universidade, um departamento de Psicologia da Religião ao psicólogo holandês Theodorus van Kolck, influenciada pela Universidade Católica de Lovaina e com menor influência da Universidade Católica de Milão. Também em São Paulo, e no mesmo período, a Associação de Psicologia Religiosa foi criada reunindo psicólogos, médicos, antropólogos e sacerdotes, também sob a direção de Theodorus van Kolck. Antonius Benkö, sacerdote húngaro, no Rio de Janeiro, em meados da década de 1950, realizou as primeiras pesquisas empíricas em Psicologia de Religião na PUC-RJ.

Apesar da confessionalidade desses primeiros passos, nada obsteu o desenvolvimento da disciplina como ciência autônoma. Nas universidades públicas, a Psicologia da Religião encontrou guarida na década de 80, primeiro na USP e depois na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e na Universidade de Brasília (UnB). Sobre o caso da USP, observa Paiva, que primeiramente foi oferecida a disciplina Psicologia da Religião no âmbito da Pós-Graduação, no entanto, “intrigantemente, os alunos que se matriculavam nessas disciplinas provinham, na quase totalidade, de diversos cursos da Universidade, mas não do curso de Psicologia, para o qual as disciplinas da Pós-Graduação tinham sido criadas”, situação que foi se alterando quando passou a se oferecer “Psicologia da Religião” como cadeira eletiva na graduação.

Como podemos definir esta disciplina? Rodrigues e Gomes valem-se da seguinte definição: “A Psicologia da Religião é o estudo do comportamento religioso pela aplicação dos métodos e teorias dessa ciência a este fenômeno, quer pelo aspecto social, quer pelo aspecto individual”. E, assim como as demais disciplinas das Ciências das Religiões, não está interessada em provar a existência ou inexistência de Deus(es), mas na certeza de que, quer Deus(es) exista(m) ou não, é certo de que a religião existe, e as pessoas pautam suas vidas por ela e nela encontram sentido para suas vidas. Como afirmou Paiva, “nada de humano é alheio à Psicologia” e “como a religião continua sendo uma das dimensões mais coextensivas ao homem, constitui-se num objetivo legítimo da pesquisa em Psicologia”. Psicologia da Religião não significa que a Psicologia sirva a qualquer religião em particular, não é o mesmo que Psicologia Religiosa, mas se objetiva a entender e analisar a religião.

Existe, é verdade, a Psicologia Pastoral, que não é Psicologia da Religião, mas é a psicologia que serve ao pastor, isto é, “a psicologia que foi desenvolvida e seguida para facilitar os objetivos das igrejas cristãs” e nela “as pessoas estão geralmente muito familiarizadas e empregam bem a Psicologia da Religião”, mas “esta última é primordialmente neutra em relação a seu objeto e não adota posições de combate à religião; ela simplesmente analisa e compreende”. A Psicologia da Religião mostrará particular interesse na eficácia da religião em promover comportamentos saudáveis e restringir comportamentos nocivos; na influência da religião nos estilos de vida pessoal; na integração e apoio, favorecidos pelos atos religiosos sociais; na intensificação dos sentimentos de autoestima e de autoeficácia providos pela religião; no enfrentamento das situações estressantes num quadro de referência religioso e, possivelmente, nas alterações das conexões psiconeuroimunológicas ou neuroendócrinas que afetam os sistemas fisiológicos.

Rodrigues e Gomes (2013, p.333) apontam dois motivos para que esta disciplina ainda não desfrute de alta respeitabilidade no meio acadêmico:

1. A experiência religiosa é complexa e demasiadamente subjetiva, de forma que dificulta o acesso objetivo por parte do observador;
2. A pluralidade de referencial teórico da própria Psicologia dificulta estabelecer um referencial e um objeto limitado para a Psicologia da Religião. Isso se dá a despeito da Psicologia da Religião ser tão antiga quanto a própria Psicologia e ter entre seus “pais fundadores” alguns dos iniciadores da Psicologia.

A experiência religiosa é a “a apreensão do Infinito (Schleiermacher), do Divino (James), do Sagrado (Otto), de Deus, e não de um objeto intermediário”.

De forma sucinta, podemos assumir que “a experiência religiosa é a resposta do indivíduo, primariamente em termos cognitivos e emocionais, a qualquer coisa que ele considera divina e essa experiência é a base das práticas religiosas”. Para Merval Rosa (1979, p.16), “a dinâmica da experiência religiosa tem aspectos universais e pode ser estudada do ponto de vista psicológico, independentemente de qualquer ideia sectária”.

A partir do século 18, alguns filósofos e também teólogos se prestaram à reflexão sobre a natureza psicológica da vida religiosa; entre eles, podem-se citar Jonathan Edwards, Friedrich Schleiermacher, David Hume e Soren Kierkegaard. Podemos tomá-los como os antecedentes da Filosofia da Religião. Ainda hoje, a Psicologia “guarda ainda uma íntima conexão com a discussão conceitual filosófica que lhe é subjacente”, todavia, “alguns psicólogos extremamente ardorosos na defesa da separação entre psicologia e filosofia acabaram, eles próprios, escrevendo textos especulativos de natureza filosófica”. Rosa (1979) lembra que a Psicologia da Religião também é, de certa maneira, filha de homens como Buda, Sócrates, Platão, Jeremias, Agostinho, Pascal, que refletiram a vida interior.

De fato, “os primeiros psicólogos modernos não eram ‘psicólogos’, eram filósofos tentando resolver questões fundamentais sobre a natureza e os conteúdos da consciência humana” e a Psicologia se estabeleceu a partir dos estudos de Wilhelm Wundt, em 1879, como ciência independente. Wundt via o comportamento religioso carregado de conteúdo afetivo, mas desprovido de aspectos intelectuais. Pierre Janet, discípulo de Charcot, no fim do século 19 e início do 20, fez contribuições à Psicologia da Religião, associando alguns comportamentos religiosos a neuroses e psicopatologias. Outro psicólogo da escola francesa, contemporâneo de Janet, Th. Flournoy advogou que, para estudar a religiosidade, a Psicologia deve primeiramente excluir um “ser superior” e, em segundo lugar, fazer considerações biológicas – fisiologia, genética, análises comparativas e dinâmicas.

Foi com William James, em 1896, nos Estados Unidos, que a Psicologia da Religião surge como corpo teórico da Psicologia. James atribuía à natureza humana a capacidade de entrar em comunhão direta com o divino por um sentimento de peculiar solenidade e

PARABÉNS!!!

VOCÊ ACABOU DE LER O NOSSO CONTEÚDO!

Esta apostila é exclusiva para os alunos do Instituto de Teologia Logos... Se você ainda não está estudando conosco, nós estamos lhe oferecendo uma oportunidade de fazer sua inscrição com um excelente desconto e alguns bônus especiais.

Você só precisa clicar no link abaixo (ou copiar em seu navegador) para acessar nosso site e conhecer os cursos que estão disponíveis hoje!

:: CURSOS DE TEOLOGIA ::

www.institutodeteologialogos.com.br/cursos-de-teologia

:: BLOG DE TEOLOGIA ::

www.institutodeteologialogos.com.br/blog-de-teologia